

A EXPERIÊNCIA DO GRUPO “ANACAUÍTA” E O FORTALECIMENTO DAS RELAÇÕES ENTRE MULHERES, PLANTAS MEDICINAIS E TERRITÓRIO

THE EXPERIENCE OF THE "ANACAUÍTA" GROUP AND THE STRENGTHENING OF RELATIONS BETWEEN WOMEN, MEDICINAL PLANTS AND THE TERRITORY

Autor(es) Juliana de Almeida Costa, Janaina Betto, Maria Luiza Biacchi Vione, Alisson Vicente Zarnott.

Filiação

E-mail julianaalmeidacosta2017@gmail.com; janaina.btt@hotmail.com;
marialuizavione@gmail.com; alisson.zarnott@gmail.com

Grupo de Trabalho (GT): 5 - Agricultura familiar, ruralidades e relações de gênero

Resumo

O vínculo entre mulheres e plantas medicinais que reafirmam processos de autonomia com base em relações de cuidado e saúde tem sido objeto de diversas pesquisas no meio rural. Avanços na legislação a partir de 2006 proporcionaram a legalização de fitoterápicos, incentivando a produção destes. Nesse sentido, o Grupo Anacauíta, composto por mulheres assentadas da Reforma Agrária do município de Herval-RS têm focado na extração de óleos essenciais e hidrolatos de plantas medicinais nativas do Bioma Pampa. O presente artigo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa qualitativa, com revisão bibliográfica e realização de uma entrevista semiestruturada com uma integrante do grupo Anacauíta. O seu objetivo é compreender o histórico de construção do grupo e sua relação com as plantas endêmicas do Bioma Pampa no contexto de territorialidade e fortalecimento das relações entre as mulheres. Ao longo de mais de uma década de existência, o Grupo Anacauíta desenvolveu observações empíricas acerca da produção de óleos essenciais e hidrolatos e tem buscando recursos públicos para a aquisição de equipamentos e continuidade de suas ações. Atualmente, oito mulheres assentadas compõem o grupo e possuem como pretensão futura a construção de uma sala de destilação e o aprofundamento das relações com instituições de pesquisa para aprofundar estudos sobre o manejo das plantas nativas do Bioma Pampa. Evidenciaram-se particularidades do grupo, diferenciando-se principalmente pela inserção em espaços de pesquisa a fim de perpetuar as ações do grupo e zelar pela preservação da agrobiodiversidade do Bioma Pampa.

Palavras-chave: Plantas Medicinais; Grupo Anacauíta; Mulheres Rurais; Bioma Pampa.

Abstract

The link between women and medicinal plants, which reaffirms processes of autonomy based on relationships of care and health, has been the subject of various studies in rural areas. Advances in legislation since 2006 have led to the legalization of herbal medicines, encouraging their production. With this in mind, the Anacauíta Group, made up of women settled in the agrarian reform system in the municipality of Herval-RS, has focused on extracting essential oils and hydrosols from medicinal plants native to the Pampa Biome. This article was based on qualitative research, with a literature review and a semi-structured interview with a member of the Anacauíta group. Its aim was to understand the history of the group's construction and its relationship with the endemic plants of the Pampa Biome in the context of territoriality and the strengthening of relationships between women. Over the course of more than a decade of its existence, the Anacauíta Group has developed empirical observations about the production of essential oils and hydrosols and has sought public funds to acquire equipment and continue its activities. Currently, eight settled women make up the group and their future plans include building a distillation room and deepening relations with research institutions to study the management of plants native to the Pampa Biome. The group's particularities were evident, mainly due to its inclusion in research spaces in order to perpetuate the group's actions and ensure the preservation of the agrobiodiversity of the Pampa Biome.

Key words: Medicinal Plants; Anacauíta Group; Rural Women; Pampa Biome.

1. Introdução

Os vínculos existentes entre as mulheres e as plantas medicinais e aromáticas em ambientes rurais têm sido temas de diversos estudos. A compreensão social de que o cuidado se constitui como um trabalho reprodutivo, determina que este se reproduza socialmente como uma tarefa feminina e, portanto, que as mulheres, especialmente aquelas que vivem no rural e em maior contato com a natureza, desenvolvam as tarefas de cuidado relacionadas às práticas de saúde popular e às plantas medicinais. Na maioria dos casos, estes saberes e estas práticas são realizados dentro de espaços de socialização desde a infância e constituídos e perpetuados como saberes familiares a serem reproduzidos e transmitidos.

Dentro da ótica da organização comunitária no meio rural, é comum encontrar grupos de mulheres que trabalham com plantas medicinais e que valorizam estes saberes, assim como valorizam as pessoas que os detêm de alguma forma, construindo reconhecimento comunitário e social. A partir de 2006, em função dos avanços legais proporcionados pela Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF) e da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPICS), o comércio de produtos oriundos destas abriu possibilidades de inserção em mercados que possuem público crescente, como é o caso dos óleos essenciais, que têm sido foco para o desenvolvimento de muitos empreendimentos em todo o Brasil. No entanto, poucos destes grupos têm se constituído de maneira autogestionária, protagonizado por mulheres, resgatando saberes de seu território como base para fomentar pesquisa sobre plantas nativas e preservar saberes e aromas de determinado bioma. É com este perfil e com este intuito que o Grupo Anacauíta tem se estruturado ao longo dos anos.

Composto por uma maioria de mulheres de projetos de assentamentos da Reforma Agrária e residentes do Bioma Pampa, no Rio Grande do Sul, o Anacauíta busca descobrir aromas e produzir óleos essenciais e hidrolatos à base de plantas do Pampa Gaúcho. O Grupo Anacauíta é constituído e coordenado por mulheres, mas envolve, no formato de rede, jovens rurais, estudantes e pesquisadores e pesquisadoras, que buscam contribuir com este coletivo de maneiras diversas, mesmo não estando diretamente vinculados à produção. Esta organização surgiu a partir de uma relação entre mulheres assentadas da Reforma Agrária com a Rede de Economia Solidária e Feminista (RESF) (Rodrigues, 2023) e atualmente se localiza no assentamento Vista Alegre, no município de Herval-RS. Suas integrantes se consideram “ecologistas” e têm focado sua atuação na extração de óleos essenciais e hidrolatos a partir de plantas medicinais, sobretudo, plantas endêmicas do Bioma Pampa.

Com isso, o grupo tem alavancado alguns processos e discussões, sobretudo, no que tange à relação entre mulheres, plantas medicinais e território. Nesse sentido, Costa e Marin (2023) têm se dedicado a demonstrar a maneira com que as mulheres integrantes do MST têm mobilizado seus saberes relativos às plantas medicinais com vistas à construção de relações de reconhecimento social nos campos da saúde e da educação. Com isso, os autores apontam que os saberes e as práticas populares em saúde relacionadas às plantas medicinais se tornaram parte dos processos de luta pela terra e de resistência também nos territórios conquistados, o que tem gerado processos de autonomia, emancipação e reconhecimento social.

Diante desse contexto, o presente artigo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa qualitativa, baseada em revisão bibliográfica e na realização de entrevista semiestruturada com uma integrante do grupo Anacauíta. O seu objetivo está centrado em compreender o histórico de constituição do referido grupo, bem como a maneira com que tem construído sua relação com as plantas endêmicas do Pampa e, portanto, os processos e discussões que tem alavancado desde sua criação. A elaboração do artigo faz parte de um contexto de investidas de pesquisa e extensão por parte do Núcleo de Extensão e Pesquisa em Territorialidades, Extensão Rural e Reforma Agrária (NEP TERRA) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

2. Mulheres assentadas e plantas medicinais

Segundo Deere (2004), a luta das mulheres pela terra tem como marco a década de 1980, quando começam a participar em número crescente de sindicatos rurais, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e de organizações autônomas de mulheres. Para Santos e Betto (2021), desde sua origem, o MST é composto por homens e mulheres, sendo a partir do Primeiro Congresso Nacional do MST, realizado em 1985, que as mulheres passam a se organizar no movimento com vistas à garantia de sua participação política em todas as instâncias e atividades do movimento. Segundo as autoras, foi após uma contínua mobilização e organização das mulheres que se aprovou no ano de 2000 a criação do Setor Nacional de Gênero, cujo objetivo estava em se estender para o conjunto do movimento o debate acerca da construção de relações de gênero mais igualitárias.

Dado o compromisso do MST com a igualdade social e de gênero, Deere (2004) aponta para um processo de aceitação crescente do argumento do empoderamento, visto que o movimento abraça a ideia de que as relações de gênero devem mudar, o que por sua vez requer um crescimento no poder de barganha das mulheres dentro da família e da comunidade como medidas integrativas e complementares. Dessa forma, pode-se afirmar que a partir da mobilização das mulheres e da construção do Setor de Gênero, fortaleceu-se um contexto que tem gerado avanços por meio da formação de novos quadros políticos femininos, pela organização de ações e a promoção de debates importantes que se estendem à toda sociedade, entre eles, o debate em torno da questão das plantas medicinais.

Para Marques *et al.* (2015), as mulheres rurais do Sul do Brasil têm se organizado de maneiras distintas, formal e informalmente, uma vez que, algumas se organizam em torno da identidade de mulher, outras a partir do tema da saúde. Nesse âmbito, a autora chama atenção ao fato de que o conhecimento sobre as plantas medicinais tem sido, historicamente, relacionado ao papel da mulher dentro das famílias, motivo pelo qual o espaço reservado ao trabalho com plantas medicinais vem sendo, hegemonicamente, um espaço de organização comunitária e não rentável. Para a autora, o espaço das plantas medicinais têm se relacionado mais diretamente com dimensões como da mobilização política, aumento de autoestima, compartilhamento de conhecimentos e a discussão das questões de gênero.

Costa (2019), em análise sobre a relação das mulheres beneficiárias da Reforma Agrária e organizadas no MST com as plantas medicinais e os saberes relacionados à estas, compreende que a atribuição social das tarefas do cuidado às mulheres reflete em uma proximidade dos saberes e práticas relacionados às plantas medicinais, especialmente no que tange aos cuidados com a família. Neste sentido, a autora discorre que, no início da organização do MST, foi a partir destes saberes e destas práticas que se fez a inserção de muitas mulheres nas tarefas organizativas dentro dos acampamentos, através das equipes de saúde, porém, promovendo o rompimento com a esfera familiar do cuidado, proporcionando, desta forma, construção de referência comunitária em termos de saúde, o que propiciou, de certa forma, o deslocamento de relações de poder e, por consequência e em conjunto com outros elementos, a ocupação de espaços de direção do movimento por muitas destas mulheres. Além disso, a autora também afirma que a concepção de cuidado destas mulheres se transformou com o passar dos anos e com a chegada ao território de assentamento e, o que era limitado ao cuidado com os seres humanos, passou a estar relacionado também à saúde ambiental e à preocupação com a biodiversidade e suas relações com a vida no planeta.

Neste sentido, Puleo (2012), ao refletir sobre as relações entre os movimentos feministas e as pautas ambientais, compreende que a concepção de cuidado mais amplo, que engloba todas as formas de vida no planeta, é oriunda de processos de lutas e de relações constituídas pelas

mulheres ao longo de suas trajetórias e não inerente a todas as mulheres. A autora denomina esta concepção que aborda relações de empatia com outros seres vivos como “ética ecológica” e compreende que a atribuição desta ética às mulheres como algo natural é, de certa forma, um demérito àquelas de realmente constituem esta ética ao longo da vida, ética essa que não é intrínseca às mulheres na concepção dela, mas fruto da construção social dentro das práticas ativistas e militantes de mulheres no mundo todo.

Embora nem todas as mulheres envolvidas com esses saberes e essas práticas tenham sua orientação acerca da geração de renda em torno dos produtos originados, existem alguns exemplos interessantes e inovadores neste âmbito. É nesse contexto que se insere a experiência do Grupo de Mulheres “Anacauíta” do assentamento Vista Alegre localizado no município de Herval-RS. Esse grupo tem focado na extração de óleos essenciais e hidrolatos a partir de plantas medicinais, com especial atenção às plantas endêmicas do Bioma Pampa. Na sequência iremos apresentar o histórico do grupo e os processos e discussões que vêm sendo alavancados a partir de sua criação.

3. Histórico e atualidade do Grupo de Mulheres “Anacauíta”

O Grupo “Anacauíta”, de acordo com Rodrigues (2023), se formou a partir de uma relação com a Rede de Economia Solidária e Feminista (RESF), entre 2005 e 2006, e é composto por mulheres e jovens rurais que se autodenominam ecologistas. Em meados de 2014, o Grupo se inseriu nos debates suscitados junto aos “Territórios da Cidadania”. O programa “Territórios da Cidadania” foi criado pelo Governo Federal no ano de 2008, através do decreto presidencial (DNN 11503/ 2008), que institui os Territórios da Cidadania com o objetivo de “executar ações voltadas à melhoria das condições de vida, do acesso a bens e serviços públicos a oportunidades de inclusão social e econômica às populações que vivem no interior do País” (Brasil, 2008).

Este era um programa regionalizado, portanto, o Grupo esteve inserido no Território da Cidadania da Zona Sul do RS, sendo este um dos primeiros criados dentro do Programa a fim reduzir desigualdades sociais e econômicas naquele período. Mesmo o Território da Zona Sul do RS sendo um dos primeiros a terem sido instituídos dentro da política territorial, e tendo uma trajetória vinculada a uma estratégia de desenvolvimento local e territorial oriunda da organização regional, isso não impediu que houvesse limites de atuação de determinados setores da sociedade e, por consequência, acesso aos recursos disponíveis, sendo este um elemento central de muitas críticas existentes à tal política.

Godoi e Porto Aguiar (2018), em um estudo sobre a política dos Territórios como foco para o desenvolvimento, trazem a reflexão de que os espaços de discussão sobre os recursos muitas vezes se constituíam de forma masculinizada, com foco em disputa por recursos, em uma lógica de hierarquia onde as mulheres, tanto enquanto coletivos, quanto individualmente tinham muita dificuldade em se inserir e conquistar recursos para seus projetos, inclusive por que havia uma compreensão de território homogêneo, não considerando a diversidade de modos de vida envolvidos no espaço. Mesmo que a entrevista e os materiais bibliográficos disponíveis acerca do grupo Anacauíta não tenham desenvolvido de maneira mais específica o tema da participação sem ter acessado recursos, compreende-se como importante ressaltar que estes elementos podem ter sido fator relevante para justificar a falta de acesso aos recursos de maneira mais efetiva.

Inicialmente, o grupo era composto por 23 pessoas, a maioria mulheres assentadas cujas famílias trabalhavam com produção agropecuária. Desse modo, havia a pretensão de transformar suas propriedades, no que tange à transição da produção agropecuária para uma produção orgânica animal, onde a utilização das plantas medicinais estaria relacionada com a geração de extratos de plantas para a finalidade de tratar os animais no sistema de produção

orgânico. A partir de suas experiências, de seus estudos, bem como por meio da procura e interação delas com professores e estudantes de universidades, surgiu a ideia de o Grupo focar na produção de óleos essenciais e hidrolatos.

Após algum tempo de estudos e dedicação, no ano de 2017 surgiu a oportunidade do Grupo Anacaita construir um projeto em conjunto com a Cooperativa Girassol, que tem sua sede na cidade de Porto Alegre-RS. Nesse projeto, estava prevista a compra de destiladores para extração de óleos essenciais, bem como custos envolvendo um processo de formação e de acompanhamento das mulheres para o manejo e utilização dos equipamentos. Ocorre que, em princípio, o edital para o qual o projeto havia sido submetido ficou suspenso, sendo retomado apenas no ano de 2019.

Naquele ano o grupo recebeu a aprovação do projeto e apesar disso, enfrentou novas dificuldades, já que por mais que o recurso do projeto tenha sido liberado, os valores já estavam desatualizados. Diante desse cenário, as mulheres optaram por remanejar os recursos de maneira a garantir a compra dos destiladores e, com isso, foi preciso cancelar os processos de formação e de acompanhamento que estavam previstos. A partir de então, o grupo passou a estudar sobre o assunto para iniciar um processo de autoformação, que contou com o fato de uma das integrantes ter uma experiência prévia com o manejo de destiladores de laboratório. Foi aproximadamente um ano e meio de dedicação das mulheres integrantes do grupo aos estudos sobre destilação, óleos essenciais e hidrolatos, para que então, de fato, iniciassem suas atividades.

Hoje o grupo conta com a participação de oito mulheres assentadas e se dedica ao trabalho de extração com diversas plantas medicinais, entre elas as cultivadas, onde se destacam mil-em-rama, capim-limão, limão bergamota, laranja azeda, laranja doce, laranja comum e guaco, e também as plantas nativas e endêmicas do Bioma Pampa, como alecrim do campo, anacaita, guamirim, araçá do mato, pitangueira, guabiroba e murta. Contam também o apoio de jovens, entre os quais filhos e sobrinhos, que ingressaram na universidade e que tem se dedicado à pesquisa sobre o uso de óleos essenciais e hidrolatos em áreas como a medicina veterinária.

A extração é voltada, sobretudo, para a produção de óleos essenciais e de hidrolatos. No início dos trabalhos também se focava no beneficiamento de produtos como sabonetes e sabão, no entanto, devido a escassez de mão-de-obra o grupo optou por trabalhar exclusivamente com a extração para produção de óleos e hidrolatos e manter a parceria com outros grupos que trabalham com o beneficiamento, sendo, portanto, por meio destas parcerias que acontece a maior parte da comercialização destes produtos.

Quanto aos planos futuros, o grupo tem como pretensão a construção de uma sala de destilação para melhorar as condições de trabalho e também avançar diante de alguns entraves burocráticos no que tange à regulamentação da sua produção. A ambição do grupo está em construir uma sala de destilação que esteja em acordo com as normas exigidas e dentro de um modelo de bioconstrução, que possa, ao mesmo tempo, ser um espaço que melhora as condições de trabalho no processo de destilação e um espaço em que se possa ser aberto a visitas, com o intuito de mais pessoas conhecerem o trabalho com a destilação e as plantas nativas do Pampa e, assim, popularizar o uso de óleos essenciais e hidrolatos.

Um dos limites apontados por Rodrigues (2023) e que pode ser identificado em conversas informais com a entrevistada, consiste nas dificuldades com relação à legalização da produção e com a gestão da produção que já existe. Isso pode ser considerado consequência dos baixos valores de investimentos acessados pelo grupo até o momento, assim como da limitada assessoria obtida pelo mesmo, demandando que as próprias pessoas que compõem o grupo busquem aperfeiçoamento acerca do tema.

Por outro lado, Rodrigues (2023) compreende que este processo de apropriação do tema gerou uma relação do grupo com a juventude assentada, trazendo um potencial de atuação conjunta entre as mulheres e a juventude. As mulheres que compõem o grupo não podem ser consideradas todas jovens, mas estão longe de serem senhorinhas detentoras de saberes como se observa em outros grupos. São mulheres de meia idade, ávidas por aprender e atuar a partir de seus saberes. Estas mulheres já são, no mínimo, a segunda geração de detentoras dos saberes sobre as plantas medicinais nas áreas de assentamentos naquele território. A interlocutora deste estudo conta que aprendeu muito com pessoas mais velhas, que dedicou e dedica muito de seu tempo à escuta junto aos mais velhos sobre o território, as plantas, os animais, a própria terra e seus usos (visto que também trabalha com bioconstrução) e que tenta rememorar isso quando vai pesquisar sobre as plantas nativas para fins de fazer as destilações, demonstrando o potencial que o grupo pode ter inclusive para o desenvolvimento de novas pesquisas sobre as plantas, seus óleos e seus potenciais.

4. Anacauíta e as relações entre mulheres, plantas medicinais e território

Uma das frentes de atuação do grupo está na valorização dos hidrolatos, uma vez que, reconhecem a sua potencialidade em comparação com o óleo essencial. Isso porque o hidrolato, segundo a entrevistada, possui um campo de atuação mais genérico. A compreensão da entrevistada, fruto de sua observação e pesquisa sobre o tema, se encontra em consonância com estudos acadêmicos, conforme Apolônio *et al.* (2023), que apresentam algumas aplicações dos hidrolatos, assim como seu potencial de uso direto, sem a necessidade de um veículo para diluição. Desse modo, por ser próximo de uma água destilada, possui uma pequena porcentagem das propriedades contidas nos óleos e não gera os problemas de intoxicação que podem ocorrer com um óleo essencial.

Rodrigues (2023), por sua vez, desenvolveu seus estudos a partir dos óleos essenciais e hidrolatos das espécies alecrim do campo (*Baccharis dracunculifolia*) e anacauíta (*Schinus molle*) extraídos pelo grupo, identificando, a partir de testes laboratoriais, os componentes químicos de cada um dos óleos essenciais e seus potenciais de uso a partir destas análises. Além disso, a autora desenvolveu um ensaio utilizando estes óleos essenciais e hidrolatos no controle de *Spodoptera frugiperda*, a lagarta-do-cartucho, considerada uma praga nas lavouras de milho. Dentre seus apontamentos, a autora verifica que os hidrolatos não tiveram ação letal, enquanto os óleos essenciais de ambas as espécies, embora também não tenham apresentado ação letal, afetaram de maneira significativa as taxas de desenvolvimento e reprodução da lagarta.

Dessa forma, pode-se compreender que existe um potencial para o desenvolvimento de novos estudos e de produtos a partir de óleos e hidrolatos de, pelo menos, quatro produtos (dois óleos essenciais e dois hidrolatos) oriundos do Grupo Anacauíta, visto que, mesmo não apresentando efeito letal, os hidrolatos apresentaram propriedades ativas detectadas, que em função da baixa concentração (justamente por isso não letal ou tóxica), podem ter atividade química e farmacológica, sem necessidade de diluição, para outros fins. Assim a partir da análise do estudo de Rodrigues (2023), pode-se dizer que, mesmo em condições distantes das ideais, o coletivo em questão tem conseguido dar passos importantes na extração dos produtos, apresentando substâncias ativas, podendo se tornar uma alternativa para o desenvolvimento de projetos de geração de renda para as famílias da região.

O Grupo tem focado em destilar, estudar e experimentar plantas nativas da região justamente por compreender que existe um grande potencial para o desenvolvimento de novos produtos a partir de plantas endêmicas do Pampa e poucos estudos nacionais acerca das mesmas.

A motivação de trabalhar com plantas medicinais nativas do Bioma Pampa se deu pela questão da preservação do Bioma e pelo fato de haver poucas pesquisas relacionadas a essas plantas no Brasil. (Interlocutora)

Além disso, a interlocutora também afirma que existem estudos internacionais que abordam algumas das plantas em questão, mas que esses estudos estão bastante focados nas características botânicas de cada planta, com poucas informações técnicas sobre o manejo das mesmas. Neste sentido, outro elemento importante para reflexão acerca das potencialidades e limitações do grupo está relacionado ao manejo sustentável das plantas nativas do bioma Pampa, que se insere em ações bioextrativistas, demandando estudos mais aprofundados sobre o manejo sustentável de cada planta para fins de legalização desta atuação de modo que este esteja de acordo com a Lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (Lei nº 9.985/2000). Ainda neste sentido, cabe ressaltar, de acordo com a Fundação Luterana de Diaconia (FLD), em um estudo realizado em 2016 acerca dos povos e comunidades tradicionais do Pampa Gaúcho (Mazurana, 2016), este representa 63% da área total do RS e 2% da área do Brasil, sendo considerado uma das áreas de ecossistemas de campo mais importantes do mundo, onde se encontram 3 mil espécies de plantas, muitas delas endêmicas e ameaçadas de extinção.

A vasta biodiversidade ainda é pouco conhecida. Há registros de cerca de 500 espécies de aves, 3.000 espécies de plantas, sendo que mais de 450 são de herbáceas. A presença de espécies de fauna e flora específicas, diversas espécies endêmicas – espécies que ocorrem apenas em uma determinada região – e ameaçadas de extinção são algumas das razões pelas quais cerca de 20% da área do bioma foi considerada com algum grau de prioridade para a conservação da biodiversidade pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA). Também no bioma Pampa está presente o Aquífero Guarani, uma das maiores reservas subterrâneas de água potável do mundo. Entretanto, é o segundo bioma mais devastado do Brasil, perdendo apenas para a Mata Atlântica. Em 2008, restavam cerca de 36% da área do bioma com cobertura original. (Mazurana, 2006).

Esta relação com o Bioma, sua complexidade e riqueza é compreendida pelo grupo e nos diálogos com a interlocutora ela aborda a questão da biodiversidade, afirmando que estão em uma área de transição entre o Bioma Pampa e a Mata Atlântica, sendo este um território de grande diversidade genética, por apresentar espécies tanto do Pampa quanto da Mata Atlântica. A entrevistada demonstra grande apreço pelo território onde vive, compreendendo-o não apenas como fonte de recursos naturais que propiciam extração de produtos para fins de comercialização, mas, principalmente como fonte de vida, de agrosociobiodiversidade e de saberes que devem ser preservados e respeitados para o bem da humanidade e dos agroecossistemas existentes naquele território.

[...] a região que a gente tá ela é bem isso né, é o encontro da Mata Atlântica para o Pampa, é uma área de transição, então ali tu tem tudo. Tu tem tanto espécies da Mata Atlântica quanto espécies do Pampa, então é muito rica. Essas áreas de transição tem uma riqueza [...] tem muitas plantas endêmicas. Nós temos uma carqueja lá que é endêmica, tem 4 tipos de carqueja, 3 estão no Pampa todo e uma só dá naquela região, sabe? Então são coisas que parecem bobagem, só que elas fazem parte da agrobiodiversidade daquele lugar. E quando tu perde... quando esse sistema vai falindo, vai falindo todo o resto e isso modifica o clima, isso modifica as pessoas que deixam de ter essa diversidade no conhecimento tanto quanto vida e começa aquele padrão de todo mundo faz a mesma coisa, come a mesma coisa e tal... e que é maléfico né, já tá provado que é maléfico. (Interlocutora)

Esta relação de respeito e empatia com a vida que compõe o Bioma Pampa e o território onde vivem é um elemento bastante presente nas componentes do grupo Anacauíta. Algumas integrantes do grupo, assim como a interlocutora, trabalham com pecuária e ovinocultura em pequena escala, sendo um dos incentivos iniciais para a produção de óleos essenciais justamente a possibilidade de desenvolver formas de tratar os animais de maneira natural. Outra, trabalha com saboaria e produtos de limpeza naturais, biodegradáveis e com bioconstrução. Todas possuem relações com a produção de sementes e estudaram ou estiveram envolvidas com processos de certificação orgânica. Dessa forma, quando se autodenominam ecologistas, estão reafirmando uma forma de compromisso com ações que visem viver e produzir em um território sem ignorar o cuidado com o mesmo e atentas às precauções para que suas ações tenham o menor impacto possível para a vida naquele espaço.

O avanço da expansão da fronteira agrícola no RS, assim como o intenso processo de degradação, que o Pampa gaúcho tem sofrido, de acordo com o FLD (Mazurana, 2006), engloba a degradação dos recursos hídricos, o uso intensivo de agrotóxicos, a perda de campos e paisagens, a introdução de espécies exóticas que afetam a produção em pequenas lavouras (como os javalis), a mineração e até mesmo disposição de recursos sólidos em áreas próximas a comunidades quilombolas e assentamentos. Desta forma, pode-se compreender que este grupo tem buscado construir uma alternativa de organização e de renda que, embora tenha ainda uma escala de produção limitada e que apresenta muitos limites relacionados aos enquadramentos institucionais necessários para a legalização da produção, se mostra vinculado a estratégias de sobrevivência e convívio bastante interessantes no sentido de manter e reproduzir saberes, práticas e espécies nesse território.

Outra questão interessante acerca do grupo Anacauíta é a valorização de suas integrantes em relação à pesquisa científica, o que pode ser apreendido nas falas da interlocutora que inúmeras vezes citou a busca por acesso a pesquisas já existentes acerca da temática das plantas medicinais, dos óleos essenciais e dos hidrolatos. Além disso, há as investidas das próprias integrantes no campo da pesquisa, sobretudo, atreladas as suas observações empíricas, por meio das quais ela promovem reflexões em diálogo com as bibliografias que acessam, como quando a interlocutora faz apontamentos acerca da função dos óleos essenciais em relação ao sistema imunológico das plantas diante de situações de estresse.

Nesse âmbito, a interlocutora vai mais além ao apontar as suas percepções baseadas nas observações empíricas, a partir das quais considera a produção de óleo essencial por parte da planta em situações de estresse como uma ferramenta de comunicação das plantas. É interessante notar que percepções como esta da interlocutora já aparecem em célebres pesquisas internacionais, como é o caso da etnografia multiespécies de Anna Tsing, na qual a antropóloga descreve mecanismos como as micorrizas, dos quais o fungo *Tricholoma matsutake* lança mão para se comunicar com outras espécies e, assim, criar “redes” de afiliação e sobrevivência. É, de fato, uma forma de descrever processos historicamente tidos como “naturais” a partir de uma ótica mais sociológica, que permita pensar um território como um conjunto de relações e a importância de fortalecer ações que valorizam tais relações, “endêmicas” de determinado espaço.

Outro aspecto importante é a observação feita quanto à dificuldade de se encontrar pesquisas e materiais acerca do manejo das plantas do Bioma Pampa, pois como apontado pela

interlocutora, as pesquisas tendem a se restringir às características botânicas, sendo sua maioria em língua estrangeira. Diante desse impasse, a interlocutora menciona “guardar” um caderninho com suas “descobertas” acerca do manejo das plantas endêmicas do Pampa, onde suas anotações se configuram como um modo de manter uma memória e de servir de base para a elaboração de materiais que futuramente poderão estar disponíveis para o acesso da população em geral. Nesse sentido, o grupo Anacauíta tem primado pela parceria com instituições como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), cujo intuito está na construção de um “Boletim Técnico” sobre manejo de plantas nativas do Bioma Pampa.

Além disso, há um incentivo do grupo para novas pesquisas por parte das universidades, sendo citada como exemplo a pesquisa de Rodrigues (2023), cuja continuidade é apoiada e valorizada pelo Anacauíta. A interlocutora cita o interesse na valorização das plantas do Bioma Pampa e a importância da pesquisa científica para isso. Em partes pela falta de informação sobre manejo e uso das plantas, citando como exemplo o uso da “bardana”, popularmente utilizada em casos de infecções, mas com ausência de pesquisas científicas sobre suas propriedades. Por outro lado, pela preocupação diante do contexto de perda da biodiversidade do Bioma Pampa, onde aponta como tem sido cada vez mais difícil encontrar algumas plantas endêmicas, trazendo como exemplo a “figueirilha”, usada popularmente na elaboração de xaropes.

5. Considerações Finais

O grupo Anacauíta possui muitas particularidades e dentre elas está o fato de se propor a gerar renda de maneira sustentável a partir de plantas nativas do Pampa. Se por um lado existe um processo de que historicamente os grupos de mulheres no meio rural e especialmente aqueles vinculados aos movimentos sociais do campo se organizam em torno dos saberes populares de saúde e das plantas medicinais, por outro, poucos são estes grupos que buscam mais do que o reconhecimento social, político e cultural. Neste sentido, o Grupo Anacauíta pode ser considerado diferenciado em relação aos demais, pois através dos saberes e das práticas existentes no território onde vivem e das plantas nativas e endêmicas deste Bioma, o grupo tem se dedicado a produzir óleos essenciais e hidrolatos, se inserindo em espaços de pesquisa por meio de suas componentes e desafiado setores acadêmicos a realizar pesquisas que possam trazer respostas às observações trazidas a partir de suas práticas.

As práticas e observações que o grupo tem realizado são fruto de saberes tecidos, cultivados, aprimorados e trocados entre diferentes gerações de moradores do Pampa Gaúcho. A capacidade de sentir o cheiro de uma planta que floresce em determinada época do ano e a capacidade de observar que nesta época do ano determinados fungos ou insetos aparecem em menor número próximos do local onde se encontra determinada planta florida é fruto de uma conexão profunda com o território e com as diferentes dimensões do viver nele.

Estes elementos observados e vivenciados nesta conexão com o território podem ser a base para o desenvolvimento de pesquisas que busquem a sustentabilidade em um Bioma que hoje se encontra com diversas espécies ameaçadas de extinção. Dessa forma, compreende-se que a estratégia de inserção de integrantes do Grupo em grupos de pesquisa e cursos de graduação e pós-graduação, é uma forma inteligente de perpetuar a atuação, o grupo e as pesquisas e talvez a maneira mais eficaz para buscar formas de construir um processo de legalização sem ficar esperando apenas por políticas públicas que muitas vezes demoram demais.

6. Referências Bibliográficas

APOLÔNIO, Bruna Moraes et al. O potencial terapêutico do hidrolato de plantas medicinais nos tratamentos estéticos. **Peer Review**, v. 5, n. 24, p. 217-232, 2023.

BRASIL. DNN 11503, de 25 de fevereiro de 2008. **Institui o Programa Territórios da Cidadania e dá outras providências**. Casa Civil, Brasília, DF, 25 fev. 2008.

COSTA, Juliana de Almeida. **Mulheres rurais e plantas medicinais: saberes, socialidades e autonomia feminina**. 147 p. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria-RS, 2019.

COSTA, Juliana de Almeida; MARIN, Joel Orlando Bevilaqua. Mulheres rurais e plantas medicinais: saberes populares e significados na luta pela terra. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 31, n. 1, 2023.

DEERE, Carmen Diana. Os direitos da mulher à terra e os movimentos sociais rurais na reforma agrária brasileira. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, p. 175-204, 2004.

GODOI, Emília Pietrafesa de; AGUIAR, Vilênia V. Porto. Mulheres e territórios vividos em contextos rurais: um olhar sobre a política de desenvolvimento territorial. **Cadernos Pagu**, 2018.

MARQUES, Flávia Charão et al. As mulheres e as plantas medicinais: reflexões sobre o papel do cuidado e suas implicações. **Revista Retratos de Assentamentos**, v. 18, n. 1, p. 155-182, 2015.

RODRIGUES, Josiéle Botelho. **Coletivo de mulheres camponesas, produção de extratos vegetais e potencial de uso no milho agroecológico**. 68 p. Dissertação (Mestrado em Agronomia) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG, 2023.

SANTOS, Iolanda Araújo Ferreira dos; BETTO, Janaina. MOVIMENTOS SOCIAIS RURAIS E FEMINISMOS: percursos e diálogos na construção do feminismo camponês e popular. **Caderno CRH**, v. 34, p. e021007, 2021.

TSING, Anna L. **O cogumelo no fim do mundo**: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. São Paulo: N-1 edições, 2022. 412 p.

PULEO, Alicia. Anjos do ecossistema? In: FARIA, N.; MORENO, R. (Orgs). **Análises feministas: outro olhar sobre a economia e a ecologia**. São Paulo: SOF, 2012.

MAZURANA, Juliana. **Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa**. Porto Alegre: Fundação Luterana da Diaconia, 2016.